

ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS DE UMA EMPRESA PRODUTORA DO ALUMÍNIO PRIMÁRIO

Deyvison Talmo Baia Medeiros
Ricardo da Cunha Alexandre
Arlindo Tavares de Souza Junior
Fábio Roberto Araújo dos Santos
Heriberto Wagner Amanajás Pena

heripena@yahoo.com.br

UEPA

Resumo

O presente artigo faz uso da análise de demonstrações contábeis para identificar e dispor conclusões sobre a situação econômica/contábil de uma empresa brasileira produtora do alumínio primário. Na realização deste trabalho, foram coletados - para os anos de 2008, 2009 e 2010 - os balanços patrimoniais e as demonstrações de resultado de exercício da empresa, sobre os quais se calculou os índices econômicos de estrutura, liquidez, rentabilidade. Ao final desta aplicação verificou-se que a empresa está financeiramente estável, contudo a sua condição de exportadora de uma commodity a mantém em um cenário de constante dependência da economia global e, por conseguinte, de um cenário de instabilidade.

Palavras Chaves: Demonstrações contábeis, Situação econômica, Índices econômicos.

Abstract

This article makes use of financial statement analysis to identify and provide findings on the economic / accounting for a Brazilian producer of primary aluminum. In this study, we collected - for the years 2008, 2009 and 2010 - the balance sheets and income statements for the exercise of the company, upon which calculated the economic indices of structure, liquidity, profitability at the end of this application there that the company is financially stable, however their status as an exporter of the commodity remains in a scenario of constant dependence on the global economy and, therefore, a scenario of instability.

Keywords: financial statements, economic situation, economic indices.

1. Introdução

Em decorrência da unificação de mercados gerada pelo avanço do processo de globalização, os investimentos em bolsas de valores, tais como a compra de ações, tornaram-se cada vez mais comuns. Todavia a facilidade e o grande número de opções (empresas) nas quais o investidor pode aplicar o capital que possui, é válido ressaltar que critérios devem ser estabelecidos no sentido de identificar se tal investimento é viável ou não para a finalidade a qual se propõe.

Uma empresa pode ser avaliada em diferentes aspectos, tanto pela sua produtividade, qualidade de seus produtos, responsabilidade ambiental, pela potência de sua marca, como também pela ótica financeira. Nesse sentido as demonstrações contábeis fornecem uma série de dados que, quando analisados, permitem diagnosticar a situação econômico-financeira e, portanto, compreender a viabilidade econômica de uma determinada aplicação.

Segundo o Comitê de Pronunciamentos Contábeis o objetivo das demonstrações contábeis reside em fornecer as informações sobre a posição patrimonial e financeira, o desempenho e as mudanças na posição econômica da entidade, que sejam úteis a um grande número de usuários em suas avaliações e tomadas de decisão econômica. Diante disso surge a análise financeira como um conjunto de técnicas que proporcionam uma conclusão sobre a situação econômico-financeira da organização analisada.

Tendo em vista o diagnóstico fornecido pela realização da análise das demonstrações contábeis, faz-se necessário, ainda, ressaltar a importância desta como uma ferramenta de apoio gerencial que pode ser usada para tomada de decisões internas na empresa visando perpetuar a existência desta frente as suas concorrentes no mercado (NACHTIGALL, 2008).

Nessa perspectiva, o alvo do presente está pautado na utilização dos Índices Econômicos (de Estrutura, Liquidez e Rentabilidade) como forma de diagnosticar a situação financeira da ALBRAS, empresa produtora do alumínio primário, a partir de suas demonstrações contábeis dos anos de 2008, 2009 e 2010. Como forma de expandir ainda mais tal análise, buscou-se relacionar os fatores, que apesar de externos a empresa, influem diretamente na sumarização de seu desempenho econômico.

2. Referencial Teórico

2.1. Produção mundial do alumínio

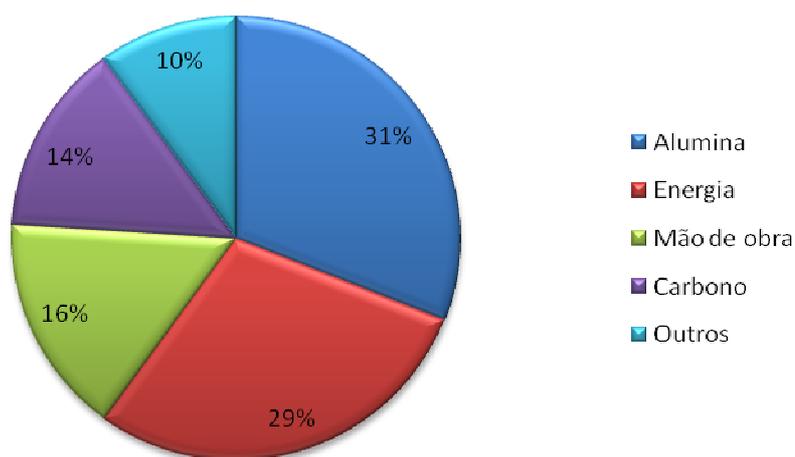
Em 2010, assim como nos anos anteriores a China vem mantendo o seu lugar de 1º colocada no ranking de volume de produção atingindo uma marca de 16,2 milhões de toneladas. A Rússia foi a segunda maior produtora com 3,95 milhões, e o Canadá segue em terceiro com 2,96 milhões. O Brasil, apesar de possuir grandes reservas e ser produtor de alumina, não se configura com um produtor significativo nessa área, restando a este a posição de 7º colocado com 1,54 milhões de toneladas.

País	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
China	4.300	5.450	6.670	7.800	9.360	12.600	13.694	13.642	16.2
Rússia	3.347	3.478	3.590	3.650	3.720	3.960	4.191	3.815	3.95
Canadá	2.709	2.792	2.590	2.890	3.050	3.080	3.124	3.032	2.96
Austrália	1.836	1.857	1.890	1.900	1.930	1.960	1.978	1.940	1.93
EUA	2.707	2.703	2.516	2.481	2.284	2.554	2.659	1.727	1.726
Índia	671	799	861	942	1.110	1.220	1.275	1.476	1.45
Brasil	1.318	1.381	1.460	1.500	1.610	1.660	1.661	1.536	1.54
EAU (Dubai)	536	560	683	722	861	890	899	953	1.4
Noruega	1.096	1.192	1.320	1.370	1.330	1.360	1.383	1.135	800
Bahrein	519	532	532	751	872	865	866	846	870
África do Sul	707	738	866	846	931	914	810	805	807
Islândia	285	286	271	272	320	398	771	808	780
Moçambique	268	409	549	555	564	564	534	541	557
Alemanha	653	661	668	648	516	551	611	291	394
Venezuela	605	601	624	615	610	610	604	559	335

Fonte: USGS (2010)

Tabela 01: Ranking de produção anual de alumínio primário de alguns produtores importantes, entre 2002 e 2010 (em mil t)

Dentre os insumos necessários para a produção, é importante destacar que a indústria do alumínio (por ser uma indústria eletrointensiva) consome grande quantidade de energia elétrica. Por isso este insumo é considerado um diferencial competitivo dentre as empresas produtoras, afinal ele representa 29% do custo de produção (como pode ser verificado no Gráfico 1). No Brasil, a média é de 35% (Cardoso *et al*, 2010).



Fonte: CRU

Gráfico 01: Custos médios mundiais de produção do alumínio

Em outra análise, o gráfico acima também deixa evidente a relevância da mão de obra para este setor – correspondendo a 16% dos custos de produção. Note que os custos da energia elétrica adicionados aos custos da mão de obra correspondem a 45% (quase metade) do total necessário para produzir, portanto deve-se, ao instalar uma indústria, conferir especial atenção para estes dois itens também.

2.2. Consumo mundial

A crescente elevação no consumo chinês tem aumentado consideravelmente o consumo do alumínio. Em 2000, a demanda Chinesa era de 12,9% do total consumido no mundo, em 2010, por sua vez, essa percentagem subiu para 41,3%, sendo assim, a China passou a ser o principal consumidor do metal.

Abaixo é possível identificar os principais consumidores do alumínio primário em uma ordem decrescente do consumo: iniciada pela China e seguida por Estados Unidos, Japão, Alemanha até a Turquia.

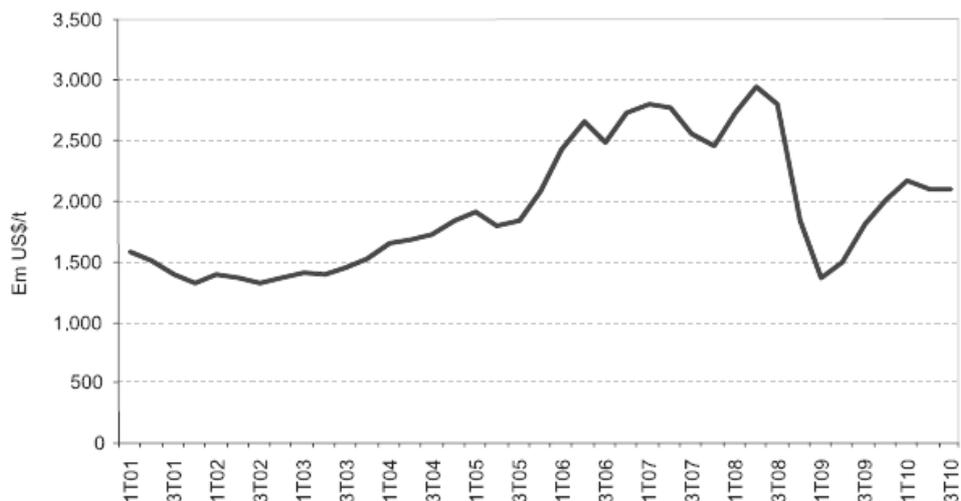
País	2000	2006	2008	2010	Participação em 2010 (%)
China	3.238	8.752	12.602	16.755	41,3
EUA	6.348	6.172	5.148	4.186	10,3
Japão	2.364	2.480	2.319	2.155	5,3
Alemanha	1.531	1.976	1.929	1.837	4,5
Índia	590	1.106	1.239	1.609	4
Coreia do Sul	n.d.	1.148	937	1.251	3,1
Brasil	522	773	931	995	2,5
Rússia	568	850	1.001	855	2,1
Turquia	n.d.	433	575	662	1,6
Total mundial	n.d.	34.498	37.406	40.542	100,0

Fonte: CRU

Tabela 02: Consumo do alumínio primário de 2000 a 2010 (em mil t)
n.d – não disponível

2.3. Preço

O alumínio primário por se tratar de uma *commodity* tem o seu preço cotado diariamente pela London Mestral Exchange (LME) desde 1978. Como é possível observar no Gráfico 02 o preço médio do metal tem mantido uma tendência de alta até 2008, quando em função da crise econômica mundial, há uma brusca queda no seu valor. Esta ultima, por sua vez, é interrompida ainda no primeiro trimestre do ano posterior (2009) quando o preço internacional do alumínio retorna a crescer. Abaixo é possível perceber as variações na cotação à vista do metal, por trimestre, dos anos de 2001 a 2010.



Fonte: Cardoso *et al* 2010

Gráfico 02: Médias trimestrais dos preços à vista do alumínio LME

Para dimensionar as variações comentadas no parágrafo anterior (reafirmadas pelo Gráfico 02) os preços do alumínio, que, antes da crise, chegaram ao valor máximo de US\$ 3.000/t, no segundo trimestre de 2008 caíram para cerca de US\$ 1.350/t, no auge da crise. Em dezembro de 2010, no período de reestabilização dos preços, o alumínio estava cotado em US\$ 2.400/t.

A alta nos preços ocorrida anteriormente ao período de crise pode ser explicada pela elevação no consumo dos países emergentes, principalmente, no que diz respeito a China (maior consumidora mundial), apesar de ser uma grande produtora do metal, sua produção não vem sendo suficiente para atender ao mercado interno, tornando necessária as importações (Cardoso *et al*, 2010).

2.4. Produção Brasileira

A produção brasileira do alumínio primário em 2010 foi de 1.536 mil toneladas, mostrando que o país começa a se recuperar dos efeitos da crise ocorrida em 2008. Com esse nível de produção o país ocupa a 7ª posição entre os maiores produtores mundiais. Na Tabela 03, apresentam-se os volumes de produção por usina entre os anos de 2003 e 2010.

Produtor	Localização	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Albras	Barcarena (PA)	435,9	440,5	449,5	459,9	459	459,3	453,8	451,2
Alcoa	Poços de Caldas (MG)	94,9	90,7	95,3	96,1	96,4	97,2	65,3	88,2
Alumar	São Luís (MA)	334,9	377,2	380,8	437,9	447,8	454	434	n.d
CBA	Alumínio (SP)	313,8	345,3	370,4	404,9	450,9	465,7	471,3	n.d
	Ouro Preto (MG)	50,2	51	50,6	51,4	48,4	40,5	48,2	n.d
Novelis	Aratu (BA)	56,3	57,8	57	58,5	58,6	58,7	52,1	48,6
Valesul	Rio de Janeiro (RJ)	43	95,3	94	95,8	93,7	85,7	10,2	0
Total		1.329,00	1.457,80	1.497,60	1.604,50	1.654,80	1.661,10	1.534,90	1.536,20

Fonte: ABAL

Tabela 02: Produção brasileira de alumínio primário, por usina, entre 2003 e 2010 (em mil t)

Dentre os principais produtores do alumínio brasileiro é possível destacar a Albras-Alumínio S.A, localizada em Barcarena no estado do Pará. A Alcoa Alumínio S.A, instalada em Poços de Caldas (Minas Gerais). O consórcio Alumar – advindo da associação entre Alcoa e a BPH Billinton Metais- com usina em São Luiz no Maranhão e a Cia Brasileira de Alumínio (CBA) estabelecida no município de Alumínio, interior de São Paulo.

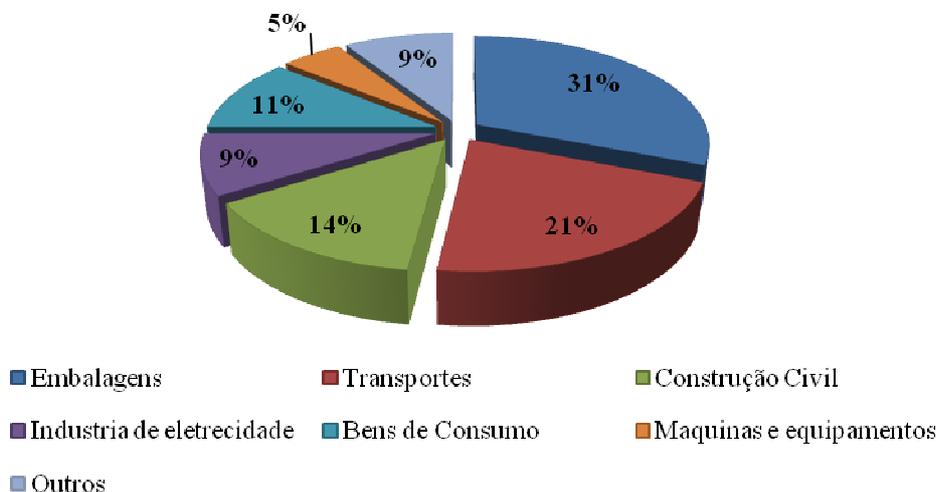
É importante notar que a produção brasileira também está desmembrada em dois grandes eixos (regiões): o primeiro é a região Norte, onde quase toda a totalidade da produção se destina a exportação, isto é, ao mercado externo; o segundo é a região sudeste que volta sua produção mais para o mercado interno. Essas diferenças entre os mercados e os locais de concentração dessas usinas resultam em cargas tributárias efetivas bem diferentes.

2.5. Consumo no Brasil

Antigamente quando o alumínio era ainda uma curiosidade com custos elevados, a sua utilização era limitada a objetos ornamentais, estatuetas e placas comemorativas.

No fim do século XIX, por sua vez, a abundância do metal fez com que este passasse gradualmente a compor utensílios de cozinha. A larga utilização do alumínio foi consequência da combinação de características úteis obtendo-se uma adequação técnica para aplicações em engenharia, podendo ser transformado através de processos metalúrgicos normais, e, atividades de pesquisas e tecnologias, fizeram do alumínio um material que não apresenta dificuldades nas suas aplicações.

O setor de embalagens é a maior fonte consumidora de alumínio no país, representando 31% do total consumido. O segmento de transportes, por sua vez, consumiu 21%, o da construção civil, 14%, e o da indústria elétrica, 9% (Gráfico 03).



Fonte: Abal

Gráfico 03: Consumo doméstico de transformados, por tipo de produto, 2010

Continuando com a tendência de alta, a ABAL estima que em 2011 o consumo interno crescerá 13,2%, com todos os produtos de alumínio registrando elevação. Cabe destacar o desempenho do setor de Fios e Cabos, que prevê um acentuado crescimento de 58,4%, impulsionado pela expectativa de investimentos pelo setor elétrico.

Segundo o coordenador da Comissão de Economia e Estatística da ABAL, Mauro Moreno, desde a retomada da economia pós-crise de 2008, este é o nono trimestre consecutivo que registra um crescimento do consumo doméstico de alumínio.

2.6. Análise de Demonstrações Contábeis

Segundo Neto (2007), a análise das demonstrações contábeis se configura como uma ferramenta eficaz utilizada para avaliar o desempenho passado e o presente de uma empresa, além de possibilitar, a projeção de situações futuras.

As Demonstrações Financeiras fornecem uma série de dados sobre a empresa. O administrador financeiro analisa estes dados e os converte em informações que proporcionarão uma visão clara do desempenho e perspectivas da empresa, identificando seus pontos fortes e fracos e possibilitando a tomada de decisões que intensifiquem estes pontos fortes e minimizem os pontos fracos (FAÇANHA, 2006).

2.7. Demonstrações de Resultados de Exercício

Demonstrações de Resultado de exercício, ou simplesmente, DRE é uma demonstração financeira que mostra geralmente, no período de um ano, a eficiência operacional da empresa, se ele obteve lucro ou prejuízo (NETO, 2007).

De acordo com Façanha (2006), a DRE é apresentada de forma dedutiva (vertical), iniciando-se com a Receita Bruta (Total) da qual são deduzidos as despesas operacionais para atingir-se o Lucro Operacional, ao qual serão adicionados ou subtraídos os valores correspondentes aos resultados não operacionais, apurando o Resultado do Exercício antes da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) e do Imposto de Renda de Pessoas Jurídicas.

Gomes (1999) retrata que, a demonstração do Resultado retrata apenas o fluxo econômico e não o fluxo de dinheiro. Para a Demonstração do Resultado não importa se uma receita ou despesa tem reflexos em dinheiro, basta apenas que afete o Patrimônio Líquido.

2.8. Balanço Patrimonial

É uma importante demonstração financeira que segundo Neto (2007) representa, numa data específica, a situação patrimonial de uma empresa. Formada pelos ativos, passivos e pelo patrimônio líquido. Onde essa demonstração é feita pelo confronto entre os três componentes do Balanço Patrimonial.

De acordo com Façanha (2006) no Balanço Patrimonial, os elementos do patrimônio serão agrupados de modo a facilitar o conhecimento e a análise da situação financeira da empresa, portanto as contas do Ativo devem ser apresentadas na ordem decrescente de liquidez, ou seja, conforme a capacidade do Ativo de ser convertido em moeda corrente; assim um bem ou direito, quando mais próxima estiver de se transformar em dinheiro, maior liquidez possuirá, enquanto que as contas do passivo devem obedecer à ordem decrescente das exigibilidades.

Gomes (1999) classifica o Balanço em vários grupos e subgrupos, cujo esquema é apresentado logo a seguir:

Ativo	Passivo
Ativo Circulante	Passivo Circulante
Disponível	Passivo Exigível à Longo Prazo
Realizável à Curto Prazo	Resultados de Exercício Futuros
Estoques	Patrimônio Líquido
Despesas Antecipadas	Capital Social
Ativo Realizável à Longo Prazo	Reservas de Capital
Ativo Permanente	Reservas de Reavaliação
Investimento	Reservas de Lucro
Imobilizado	Lucro ou Prejuízos Acumulados
Diferido	

Fonte: Adaptado de Gomes (1999)
 Quadro1 – Grupos do balanço patrimonial

3. Metodologia

3.1. Fontes dos dados

Os dados aqui coletados e analisados advêm de informações de domínio público apresentadas nos relatórios anuais da empresa ALBRAS. Os relatórios foram divulgados pela própria empresa através do seu site institucional disponível no endereço eletrônico <http://www.albras.net/>.

Para garantir a atualidade das análises e restringir a abrangência deste estudo somente os mais recentes desempenhos ilustrados pela empresa, foram coletados os três últimos relatórios anuais divulgados, isto é, os que se referem aos anos de 2008, 2009 e 2010.

A partir daí extraiu-se, dentre as diversas informações contidas em cada relatório, as Demonstrações de Resultados de Exercício (DRE) de cada período e os Balanços Patrimoniais (BP) correspondentes.

3.2. Ajuste dos Dados.

De modo a facilitar a tabulação e operacionalização dos dados coletados no item anterior, fez-se uso da ferramenta computacional Microsoft Office Excel 2007. Nesse sentido, os dados foram todos planilhados e alocados de forma a facilitar a manipulação destes para os cálculos e análises subsequentes a esta etapa.

3.3. Análise através dos índices

O primeiro momento de análise e inferências sobre as demonstrações financeiras apresentadas pela empresa nos Anos de 2008, 2009 e 2010 baseou-se no diagnóstico apontado pela utilização dos índices econômicos.

Os índice utilizados, o método para calculá-los e a finalidade para o qual se obtém cada um destes estão condensados no quadro abaixo:

Índices Economicos	Método de cálculo	Finalidade
Liquidez Geral	$\frac{\text{Liquidez Geral} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$	Indica quanto a empresa possui no Ativo Circulante e no Realizável a Longo Prazo para cada \$1,00 da dívida total. Quanto Maior, Melhor
Liquidez Corrente	$\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$	Indica quanto a empresa possui no Ativo Circulante para cada \$1,00 de Passivo Circulante. Quanto Maior, Melhor
Liquidez Seca	$\frac{\text{Circulante Financeiro} + \text{Clientes}}{\text{Passivo Circulante}}$	Mostra quanto a empresa possui de Ativo Líquido para cada \$1,00 de Passivo Circulante, que são as dívidas de curto prazo. Quanto Maior, Melhor
Participação do Capital de Terceiros	$\frac{\text{Capitais de Terceiros}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$	Indica quanto a empresa tomou de capitais de terceiros para cada \$100 de capital próprio investido. Quanto Menor, Melhor
Imobilização de Recursos Permanentes	$\frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$	Indica o percentual de recursos não correntes aplicado no Ativo Permanente. Quanto Menor, Melhor
Imobilização do Patrimônio Líquido	$\frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$	Indica quanto a empresa aplicou no Ativo Permanente para cada \$100 de Patrimônio Líquido. Quanto Menor, Melhor
Composição do Endividamento	$\frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$	Indica o percentual das obrigações de curto prazo em relação às obrigações totais. Quanto Menor, será Melhor
Giro do Ativo	$\frac{\text{Vendas Líquidas}}{\text{Ativo}}$	Indica o quanto a empresa vendeu para cada \$1,00 de investimento total. Quanto Maior, Melhor
Margem Líquida	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Vendas Líquidas}} \times 100$	Indica quanto a empresa obteve de lucro para cada \$1,00 vendidos. Quanto Maior, Melhor
Rentabilidade do Ativo	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo}} \times 100$	Indica quanto se obteve de lucro para cada \$100 de investimento total. Quanto Maior, Melhor
Rentabilidade do Patrimônio Líquido	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$	Quanto a empresa obteve de lucro para cada \$100 de Capital Próprio investido. Quanto Maior, Melhor

Fonte: Adaptado de Legatti (2004)

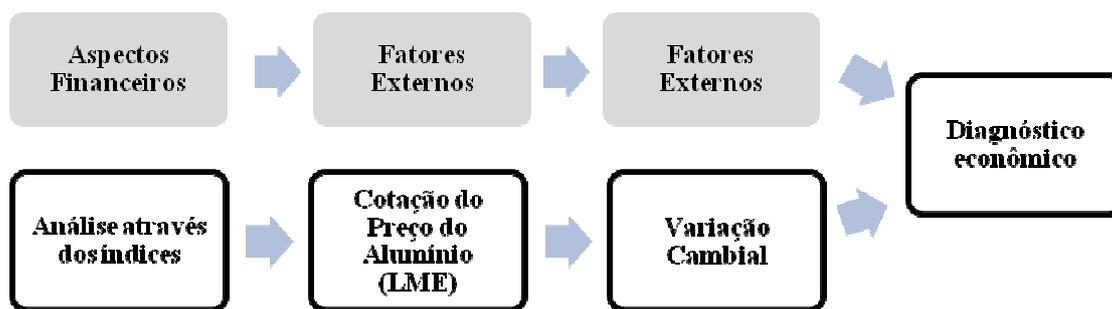
Quadro 02 – Método e Finalidade de cálculo dos índices econômicos

3.4. Propostas de análise

Para facilitar o entendimento da análise proposta neste artigo e da cronologia seguida para sua sucessão, esquematizou-se, por meio do Fluxograma da Análise (Imagem 01), o sequencial das etapas que foram seguidas para se chegar ao diagnóstico econômico da empresa.

Note que a ilustração abaixo retoma algumas das etapas já esclarecidas anteriormente, correspondentes à microanálise; e agrega uma nova ótica voltada ao mapeamento dos fatores

externos que influenciam diretamente na produção do alumínio, fatores estes muito preponderantes para a realização da macroanálise.



Fonte: Autores (2012)

Imagem 1: Fluxograma de análise

4. Estudo de caso

4.1. Caracterização da empresa

O presente estudo foi desenvolvido com base nos relatórios anuais fornecidos por uma empresa produtora do alumínio primário que fica localizada no município de Barcarena, no interior do estado do Pará a exatamente 40 quilômetros da capital Belém.

A Alumínio Brasileiro S.A. (ALBRAS) é uma companhia brasileira de capital fechado que é reconhecida internacionalmente pela qualidade do alumínio que produz; fato este que se deve principalmente a sua capacidade de superar desafios e de atender aos requisitos de todas as partes interessadas na sua produção.

A empresa é resultado de uma associação da Norsk Hydro ASA e da NAAC – Nippon Amazon Aluminium Co. Ltd., consórcio de 17 empresas japonesas entre trading companies, bancos, consumidoras e produtoras de alumínio, e o Japan Bank for International Cooperation, organismo do governo japonês, sendo este o maior participante do consórcio.

A ALBRAS foi formalmente constituída em setembro de 1978. As instalações em Barcarena – PA foram inauguradas em julho de 1985. Desde então, a empresa vem adequando o seu processo produtivo de modo que hoje possui diversas certificações internacionais, tais como: ISO 9001 – Gestão da Qualidade, ISO 14001 – Gestão Ambiental, OHSAS 18001 – Gestão de Saúde e Segurança Ocupacional e a SA 8000 – Responsabilidade Social.

Abaixo é possível conferir, de maneira sucinta, na Imagem 02, a localização da planta industrial da empresa aqui referida. Além disso, a imagem representa o tamanho aproximado das instalações da fábrica e a proximidade desta com o principal ponto de escoamento de sua produção: o Porto da Vila do Conde.



Fonte: Google Maps (2012)
Imagem 02 – Localização da Empresa

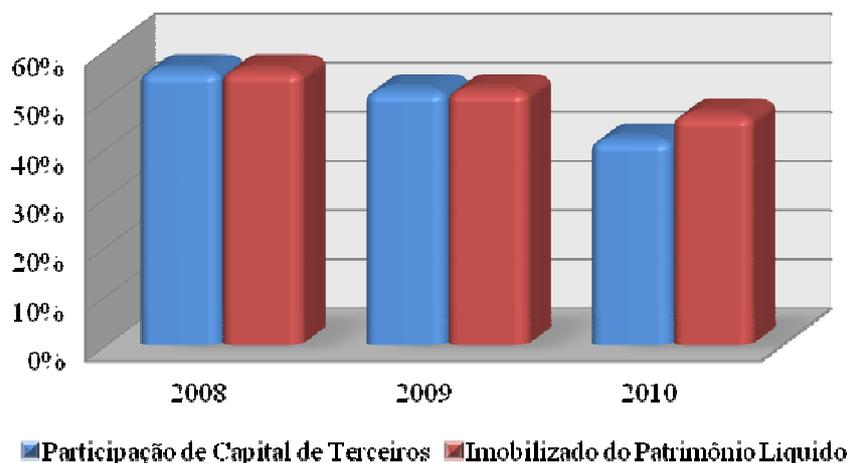
4.2. Análise através dos índices

4.2.1 Índices de Estrutura

Descrição	2008	2009	2010
Participação de Capital de Terceiros	56%	52%	42%
Imobilizado do Patrimônio Líquido	56%	52%	47%
Imobilização de Recursos Permanentes	43%	44%	41%
Composição do Endividamento	47%	64%	66%

Fonte: Autores (2012)
Tabela 03: Índices de Estrutura

O índice que analisa a participação de capital de terceiros indica que a organização vem dependendo cada vez menos deste tipo de capital. No ano de 2010, por exemplo, a empresa utilizou R\$ 42,00 para cada R\$ 100,00 de capital próprio investido, evidenciando uma redução percentual de 14% quando comparado ao valor apresentado no ano de 2008. Aliado a este índice, aparece o IPL que reforça os valores encontrados anteriormente na participação de capitais de terceiros, o decréscimo deste último indicador (do IPL) reafirma que a empresa está investindo mais em recursos para o Ativo Circulante e, em decorrência disto, está reduzindo sua dependência de capitais de terceiros para financiar o Ativo Circulante. O gráfico abaixo deixa clara a situação de decréscimo destes índices:



Fonte: Autores (2012)

Gráfico 04: Participação do Capital de Terceiros *versus* Imobilização do Patrimônio Líquido

Com relação ao IRP, nos três anos analisados, é possível observar uma razoável constância dos valores, demonstrando que a empresa possui recursos de longo prazo suficientes para aplicações em permanentes, ou seja, não se faz necessário utilizar recursos próprios para financiar o imobilizado.

Em outra instância, diferente destas que já foram elucidadas até o momento, a Composição do Endividamento vem mantendo um comportamento contraproducente. Em 2009 percebe-se um incremento significativo no valor deste índice, isto é, 7% maior que o ano anterior; e em 2010, apesar do leve aumento, as obrigações de curto prazo assumem um valor preponderante quando relacionadas às obrigações totais, o que requer iniciativas no sentido de gerar recursos de curto prazo suficientes para cobrir tais obrigações, algo muito difícil na conjuntura atual do mercado do alumínio.

4.2.2. Índices de Liquidez

Descrição	2008	2009	2010
Índice de Liquidez Geral	1,80	1,98	2,42
Índice de Liquidez Corrente	1,10	0,68	0,94

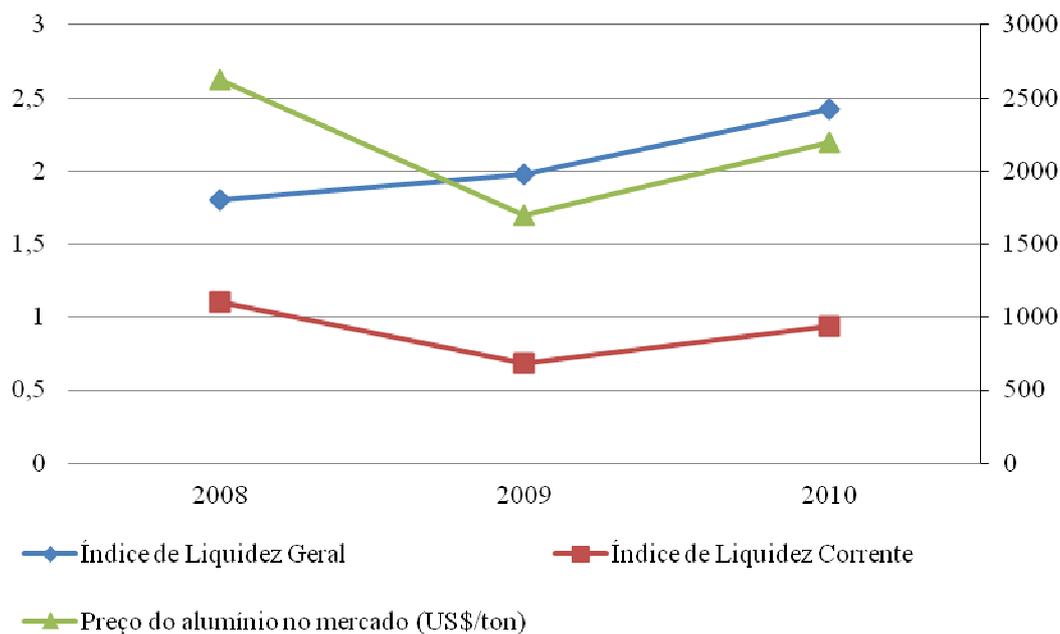
Fonte: Autores (2012)

Tabela 04: Índices de Liquidez

Através do ILG da Albrás, índice que tem crescido a cada ano analisado, é possível inferir que a empresa possui plena capacidade para honrar com seus compromissos. No ano de 2010 para cada R\$ 1,00 de dívida estão disponíveis R\$ 2,42 de realizáveis, isto é, o número de direitos excede em mais que duas vezes o número total de obrigações.

Inicialmente em 2008, o índice de liquidez corrente (ILC), apresenta resultados satisfatórios elucidando um ativo circulante maior que o passivo circulante. Contrário a isto, no ano de 2009 o índice sofre uma vertiginosa queda, causada principalmente pela redução do preço do alumínio primário no mercado internacional (inferior 39,4% a média de 2008). Em 2010, também decorrente da variação do preço do alumínio – desta vez superior 33,6 % da média anual anterior, os resultados começam a apresentar melhoras, embora não são suficientes para gerar liquidez, pois a empresa continua operando com capital de giro líquido negativo, estes demonstram perspectivas positivas

para os anos que sucedem. Abaixo é possível acompanhar a variação do ILG e ILL, em função do preço de comercialização do alumínio no mercado internacional (LME – London Metal Exchange).



Fonte: Autores (2012)

Gráfico 04: Índices de Liquidez e Preço de venda do alumínio

4.2.3. Índices de Rentabilidade

Descrição	2008	2009	2010
Giro do Ativo	70%	45%	53%
Lucratividade Líquida	7,60%	10,85%	-2,29%
Rentabilidade do Patrimônio Líquido	8,35%	7,51%	-1,79%
Rentabilidade do Ativo	5,32%	4,88%	-1,20%

Fonte: Autores (2012)

Tabela 05: Índices de Rentabilidade

Em decorrência da retração de mercado evidenciada no ano de 2009 (ainda por efeitos da crise iniciada em 2008), percebe-se que o Giro do Ativo sofre uma queda significativa, totalizando 25% quando comparados os períodos de 2008-2009, em contraposição a este cenário, o ano 2010 ilustra uma subida de 8% no valor deste mesmo índice, isto significa que foram vendidos R\$ 0,53 para cada R\$ 1,00 de investimento total.

Quanto a Lucratividade Líquida, apesar da queda no preço de venda do alumínio, em 2009 o retorno líquido em função das vendas foi maior, influenciado diretamente pela valorização de 25,49% do real perante o dólar americano, ou seja, a cada R\$ 100 vendidos nesse período incorreram lucros no valor de R\$ 10,85.

O índice de Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido (ROE), em 2009 passa por uma queda em relação a 2008, fechando em 7,51% (0,84% menor que o anterior), ou seja, para cada R\$ 100 de patrimônio líquido, obteve-se R\$ 7,51 de lucro.

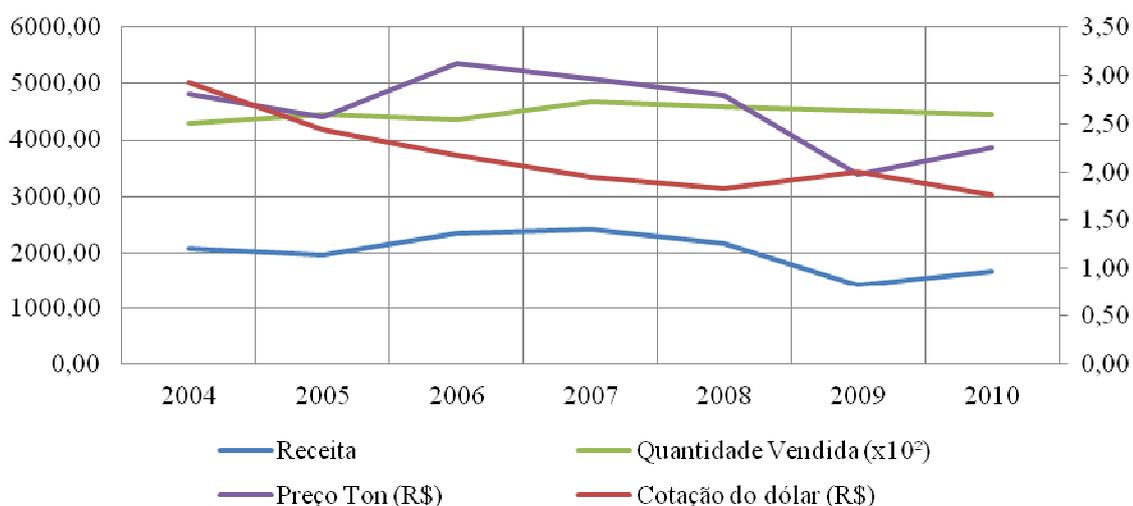
A Rentabilidade sobre o Ativo (ROI) tem um comportamento similar ao evidenciado no ROE, com uma leve queda em 2009, alcançado o índice de 4,88%, representando R\$ 4,88 de lucro para cada R\$ 100 em ativos.

Note que no ano de 2010 os três dos índices ilustrados na Tabela 05 apresentam valor negativo. Este resultado advém do prejuízo financeiro enfrentado pela empresa no período em questão, influenciado diretamente pela contabilização de provisão de R\$ 88,5 milhões para perdas com derivativos embutidos (instrumento financeiro embutido no contrato de fornecimento de energia elétrica) tendo o efeito sido reduzido pela valorização de 4,31% do real perante o dólar americano, com o impacto favorável, principalmente, da variação cambial das obrigações com empréstimos, bem como pelo aumento nos preços internacionais do alumínio.

4.3. Análise conjunta

Aliada a análise das demonstrações contábeis já realizadas, aqui, através dos índices econômicos. Buscou-se, também, relacionar os principais fatores que, de algum modo, tem influenciado diretamente nos resultados financeiros obtidos pela ALBRAS. Nesse sentido, os parágrafos que seguem abaixo trazem uma reflexão mais detalhada sobre a influência da variação cambial e da cotação do preço do alumínio sobre a receita da empresa.

Por se tratar de uma *commodity* as receitas adquiridas com a comercialização do alumínio primário sofrem influência direta da variação cambial e da cotação de preço do valor de venda do metal. O Gráfico 05 condensa a variação do dólar, da quantidade vendida, das receitas brutas adquiridas e do preço por tonelada do alumínio, nos anos de 2002 a 2010.



Fonte: Autores (2012)

Gráfico 05: Análise da receita e quantidade vendida aliada a fatores externos

Dentre as linhas apresentadas no gráfico acima, é possível perceber que a quantidade vendida pouco se altera, sofrendo um leve aumento entre os anos de 2006 e 2007 e se mantém quase que constante até 2010. A variação cambial, por sua vez, segue uma tendência de decréscimo até 2008, quando então, por conta da crise financeira, o valor do dólar começa a subir novamente até o ano de 2009 e decrescer mais uma vez até 2010.

É válido destacar a semelhança entre as curvas do preço por tonelada e da receita adquirida. Note que ambas passam por uma fase de queda entre 2004 e 2005, valorizam até 2008 quando passam pela maior queda do período analisado e tornam a valorizar novamente desde então.

O Gráfico 05 permite inferir, ainda, que as receitas das indústrias sofrem dependem mais do preço por tonelada definido pela LME, em detrimento à variação cambial. É claro que esta última detém influência sobre as receitas, entretanto a demanda quase que constante e a elevação em maior escala dos preços do metal acabam por amenizar os efeitos da “elasticidade” cambial, exemplo disso pode se verificado durante o período de 2006 a 2008. Já o preço por tonelada (tanto em épocas de valorização, como desvalorização cambial) definem sumariamente o montante da receita arrecadada e, portanto afetam em maior intensidade as demonstrações financeiras da empresa.

5. Conclusão

A conjuntura atual de investimentos em bolsa de valores, tais como a compra de ações, aliada a necessidade constante das empresas conhecerem mais afundo a situação contábil/econômica na qual na qual estão inseridas, fazem com que muitas empresas recorram análise financeira de suas demonstrações contábeis como forma de subsidiar o processo de tomada das decisões gerenciais.

A partir deste estudo, verificou-se que a análise contábil das demonstrações contábeis, de fato, possibilita um diagnóstico acurado sobre a situação financeira do empreendimento e, por conseguinte, abre margem para a elaboração de estratégias que visam melhorar e aumentar o rendimento da empresa.

Os resultados apontados pelo cálculo dos índices econômicos indicaram que a empresa Albrás está cada vez menos dependente do capital de terceiros, há plena capacidade para honrar os seus compromissos (efetuar o pagamento de suas dívidas) e que ela está obtendo um lucro razoável decorrente da crise econômica de 2008 e da multa elevada paga no em 2009.

Com exceção da rentabilidade da empresa que ficou comprometida por conta da crise e das multas incorridas sobre o contrato de energia elétrica, é possível inferir que a empresa passa por um cenário de estabilidade financeira e que poderá normalmente operar no decorre dos anos que virão

Todavia a estabilidade financeira da empresa atestada pelos índices econômicos, é válido salientar que o alumínio primário por se tratar de um *commodity* submete a empresa um cenário de constante instabilidade. Afinal, como já foi provado no item 4.3 deste artigo, o faturamento da Albrás está diretamente condicionado à cotação de preço fornecida pela LME, logo qualquer abalo que faça com que está cotação decaia comprometerá todo o orçamento da empresa.

Diante disso, o estudo se encerra ao evidencia a necessidade de verticalizar a produção, pois ao fazer isto a organização, não somente garantirá o aumento de suas receitas, como também passará a ser menos dependente das cotações internacionais para manter um nível de lucro desejado.

Referências

ABAL – ASSOCIACAO BRASILEIRA DO ALUMINIO. **Anuário Estatístico 2010**. Sao Paulo: 2011.

CARDOSO, José Guilherme da Rocha *et al.* **A indústria do alumínio: estruturas e tendências**. BNDES Setorial 33, p.43-88.

CRU – COMMUNITY RESEARCH UNIT. *The Long Term Outlook for Aluminium*. Londres, 2009.

GOMES, Adriano. **A Empresa Ágil**, Ed. Nobel, 1999.

NACHTIGALL, Elias. **Análise Financeira Avançada da Empresa Fras-le**. Monografia de Pós Graduação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

NETO, Alexandre Assaf. **Estrutura de Análise de Balanço: um enfoque econômico financeiro**. 3ª edição. Ed. Atlas.